

CRASE

#5

Dezembro - 2010

Brasil com Z

O Brasil aos olhos do mundo

O **Mago** da Literatura

O sucesso de um brasileiro nos afronta?

A **ALTA** das UPPs

De casa arrumada e esperando visitas

Sol, praia e... Compras!

Moda praia brasileira encontra seu lugar ao sol

Contato. Encontros para uma vi

www.contatonucleo.com.br

da melhor.

CONTATO

Núcleo de Estudos e Aplicação da Gestalt-Terapia

índice

p. 08 **Editorial**

p. 10 O **Mago** da Literatura

O sucesso de um brasileiro nos afronta?

p. 16 *Sol, praia e...* **Compras!**

Moda praia brasileira encontra seu lugar ao sol.

p. 22 **Brasil Com Z**

O novo Brasil aos olhos do mundo.

p. 40 Meu Brasil Brasileiro

*A gradativa ascensão do Brasil à
potência mundial.*

p. 46 **A ALTA** das UPPs

*De casa arrumada e esperando
visitas.*

p. 51 **CRASE** Eliza Andrade

CONVIDA

*A professora de sociologia descreve um
pouco da sua experiência com relação à
imagem do brasileiro no exterior.*

p. 58 **AGENDA CULTURAL**

REVISTA CRASE

DIRETORIA

Direção-Geral: Dans Souza e Rafael Farah

Diretor de Criação: Dans Souza

Diretor de Redação: Rafael Farah

REVISTA CRASE

Redatores: Cadu Senra, Clarissa Affonseca,

Emílio Farah, Nicolas Dani, Vinícius Baião

Colunista: Cadu Senra, Leandro

Bertholini, Rafael Farah

Revisor: Ramon Lourenço

ARTE

Diretor de Arte: Dans Souza

Assistente: Clarissa Affonseca

Diagramador: Dans Souza, Fernanda Araújo

FOTOGRAFIA

Editor-Responsável: Diego Val

INTERNET


Desenvolvedor: Dans Souza, Makerz



Editorial

Dezembro. Mês de festas, do Natal. Época de descansar... Para outras pessoas, pois o trabalho da CRASE não para. Enquanto a esmagadora maioria das empresas e veículos concentram suas energias em explorar o velho barbudo vestido de vermelho, a CRASE – como só ela consegue fazer – preferiu destacar-se e falar sobre um assunto inédito nesta data: Brasil com Z. Como o Brasil é visto (ou ícones brasileiros são) hoje em dia aos olhos do mundo, quais mudanças mais nos afetam e como afetam.

Como todo brasileiro sabe, o Brasil não é apenas futebol, samba e mulheres bonitas. Nossas virtudes correm muito mais profundas, como raízes de pau-brasil. Infelizmente, a história está aí para apontar que a imagem do país no exterior sempre foi bitolada, visto como a capital do hedonismo, Sodoma e Gomorra contemporânea... Até anos recentes, quando tomamos posições mais sérias e passamos a atrair estrangeiros



também pela nossa intelectualidade, cultura e economia estável.

Na vida, como em jogo de futebol, é essencial olhar para frente e, é isso que o brasileiro vem fazendo. O crescente desenvolvimento do país é inegável e indiscutível, mesmo que aos trancos e barrancos. Então, a redação da revista traz neste mês diversos exemplos deste crescimento; de Paulo Coelho, o mago da literatura, até a beachwear brasileira. Das UPPs cariocas – resultado da nova política de segurança pública - ao crescente interesse das indústrias fonográfica e cinematográfica.

É a CRASE trazendo o que você precisa saber, não o que já cansou de ouvir.

Rafael Farah





○ **Mago** da Literatura

Inveja, incompreensão ou preconceito?

por Vinícius Baião

Muitos daqueles que nos anos 70 tinham como importante referência para suas atividades as composições de Raul Seixas e Paulo Coelho hoje torcem o nariz para a obra literária do “mago”. Este é o caso de um número considerável de representantes

da intelectualidade brasileira contemporânea que se formaram nas águas da contracultura - movimento das décadas de 60 e 70 que teve, no Brasil, Paulo Coelho como um dos principais expoentes.

Curioso como a utilização de eixos temá-

ticos semelhantes gerou reações tão diferentes ao longo dos anos, pois se o interesse por um certo ocultismo e por religiosidades alternativas fora bem aceito em sua música, o mesmo não se pode aplicar à literatura. O desapego à realidade em prol do abstracionismo mítico, tão cultuado na contracultura, hoje é considerado material ficcional raso, e seus livros, frequentemente tidos como lesa-literatura. Marcelo Pen afirma se tratar de mistura entre “narrativa e lição de vida”, o que faz a obra de Paulo Coelho “escapar” dos moldes literários e “apontar para conclusões morais”. Janilton Andrade, em seu livro Por

que não ler Paulo Coelho, ratifica este pensamento ao dizer que a ideologia presente na maioria de seus romances funciona como um “sedativo para a consciência infeliz do homem contemporâneo”.

“...revelam também
eles profundo desconhecimento da
língua...”

Porém, não são alvos da crítica apenas os temas e as questões ideológicas presentes nos livros de Paulo Coelho. Contradições nas narrativas, personagens construídos sem profundidade, limitação de repertório - uma vez

que seus livros repetem temas, idéias e personagens - e fragilidade no manejo da língua são outros pontos constantemente criticados. Aos três primeiros, os possíveis contra-argumentos carecem de consistência teórica e analítica própria da investigação literária, porém críticos que insistem em apontar erros gramaticais do autor, como “Eu te amo porque todo o Universo conspirou para que eu chegasse até você”, ou ainda, “Há dois dias atrás...”, revelam também eles profundo desconhecimento da língua e de seu caráter mutável. Embora destoante da norma culta, o uso do pronome oblíquo te com a forma de tratamento



Raul Seixas e Paulo Coelho durante passeata musical

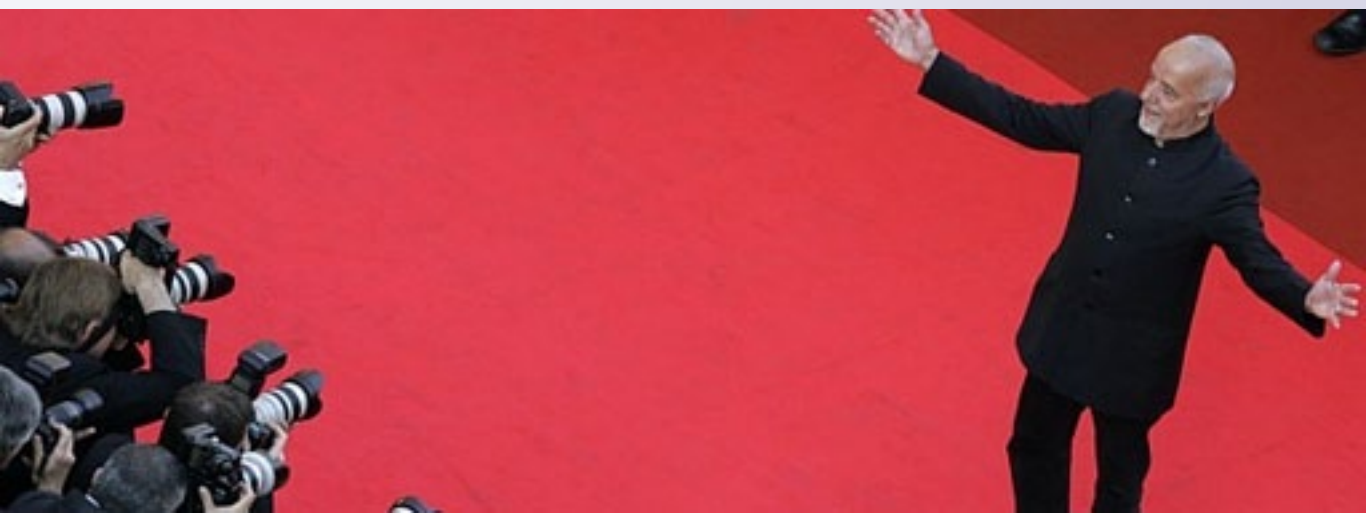
você há muito já foi legitimado pelo uso cotidiano da língua. “Há dois dias atrás” em muito nos lembra um dos maiores sucessos da dupla Raul Seixas / Paulo Coelho: “Eu nasci há 10 mil anos atrás”. Sendo a mesma estrutura, por que razão não se critica a canção com a mesma voracidade com que é feito na literatura?

Independente das críticas, Paulo Coelho segue como o escritor

brasileiro mais lido de todos os tempos com mais de 100 milhões de livros vendidos, traduzido em mais de 60 idiomas, premiado em diversos países. É considerado um dos intelectuais mais influentes do país. Os direitos sobre parte de sua obra já foram vendidos pra Hollywood, e em breve se tornarão produções cinematográficas. Por que tamanho reconhecimento no exterior e tanta rejeição em sua própria terra? Fernando Moraes, autor de sua biografia, diz não saber o motivo, mas

acredita que possa haver algum ressentimento: “Tom Jobim dizia que o brasileiro costuma encarar o sucesso de um conterrâneo como ofensa”.

O fato é que Paulo Coelho, integrante da Academia Brasileira de Letras, parece não se abater e segue produzindo, ao mesmo tempo, encantamento em seus leitores e cólera em seus críticos. Nas palavras do poeta Thiago Ponce de Moraes, “Há de convir”, em literatura, “há muito mais gosto”.



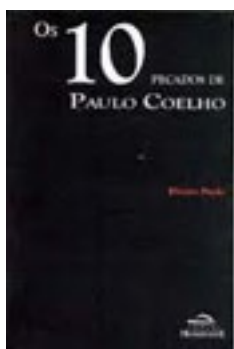


O Diário de um Mago (1987)

Autor: Paulo Coelho

Editora: Planeta do Brasil

A maravilha deste livro é que ele não pretende ensinar nada - ou quase nada. Ele é uma promessa de que com seus pés você é capaz de fazer seu caminho, de atingir seu sonho. O livro conta a história da jornada de três meses que Paulo Coelho peregrinou pelos quase 700 km que separam o sul da França da cidade de Santiago de Compostela, na Galícia.



10 Pecados de Paulo Coelho (1991)

Autor: Eloésio Paulo

Editora: Editora Horizonte

O livro é um guia para quem não quer ler Paulo Coelho, mas semeia, no caminho dessa espécie de auto-ajuda, diversas possibilidades de investigação a respeito do escritor. Consta de resenhas das 11 narrativas longas publicadas por Paulo Coelho. Embora despretensioso, promete conter também a principal explicação para o sucesso internacional do autor.





Sol, praia e... Compras!

O boom da indústria de moda praia brasileira.

por Clarissa Affonseca

Em uma terra onde o sol brilha o ano inteiro e a praia é o ambiente mais desejado pelos cidadãos, o cenário não poderia ser diferente. O Brasil é o país com o maior mer-

cado consumidor de Moda praia do mundo e, essa é uma das principais razões para a indústria brasileira de beachwear, com seu crescimento extraordinário, chamar tanto a atenção de países do mundo

inteiro, que vêm com entusiasmo esse nosso desenvolvimento têxtil.

Inicialmente, toda essa busca do mercado interno brasileiro por beachwear fez com que o Brasil começasse a desenvolver e a focar na área tecnológica dos tecidos juntamente com a parte visual da modelagem e da estamparia. Esse conjunto de fatores codificou no biquíni brasileiro uma harmonia e beleza tão evidentes que a simpatia por essa peça de vestuário nacional acabou tomando proporções mundiais.

No Brasil, essas mudanças foram fundamentais para a criação do Rio Summer, um evento

totalmente voltado para essa área, que abriu as portas da moda praia brasileira para o mercado de exportação e desde 2008 vem expandindo e diversificando suas áreas de atuação.

“...Esse caminho tornou-se uma via de mão dupla...”

Atualmente, essa influência verde e amarela corre o mundo todo não só em desfiles de beachwear, mas em países da Europa, na Arábia Saudita, Coreia do Sul, etc., lugares onde o mercado consumidor tem se interessado pela qualidade brasileira. No entanto,

esse caminho tornou-se uma via de mão dupla, pois ao mesmo tempo em que existe a aceitação dos nossos produtos, começam a haver novas exigências do consumidor, o que originou nos nossos empresários uma necessidade de adequação que antes não existia.

“...O Brasil atualmente vem se consolidando também como consumidor...”

O mercado de luxo do Brasil é prova disso. Totalmente focado na exportação, esse segmento de beachwear teve início quando países europeus evidenciaram a

necessidade de ter modelos menos ousados, no que diz respeito ao tamanho, mas que mantivessem a qualidade dos nossos biquínis. Desde então, essa se tornou mais uma área de crescimento da indústria têxtil brasileira. E como já era de se esperar, tendo em vista a globalização das tendências, o Brasil atualmente vem se consolidando também como consumidor desse mercado de luxo, determinando assim a criação de coleções inteiras de beachwear deluxe para suprir o comércio interno.

Esses episódios levam a notar que a sociedade consumista da qual fazemos parte é totalmente influenciada pelas

grandes indústrias e isso causa no homem uma unificação tão forte com relação aos seus desejos, que quando esses são alcançados, já não nos trazem um sentimento de conquista genuíno. Por consequência, o sentimento de carência que permanece se transforma no início de novas vontades que serão supridas por

outro universo de produtos, impulsionando ainda mais a indústria brasileira e dando continuidade à história da fábrica capitalista de “bel-prazeres” que esbanja seu poder sobre todos nós, enquanto continuamos a achar que temos livre arbítrio e que assim seremos felizes para sempre. Pelo menos até agora.

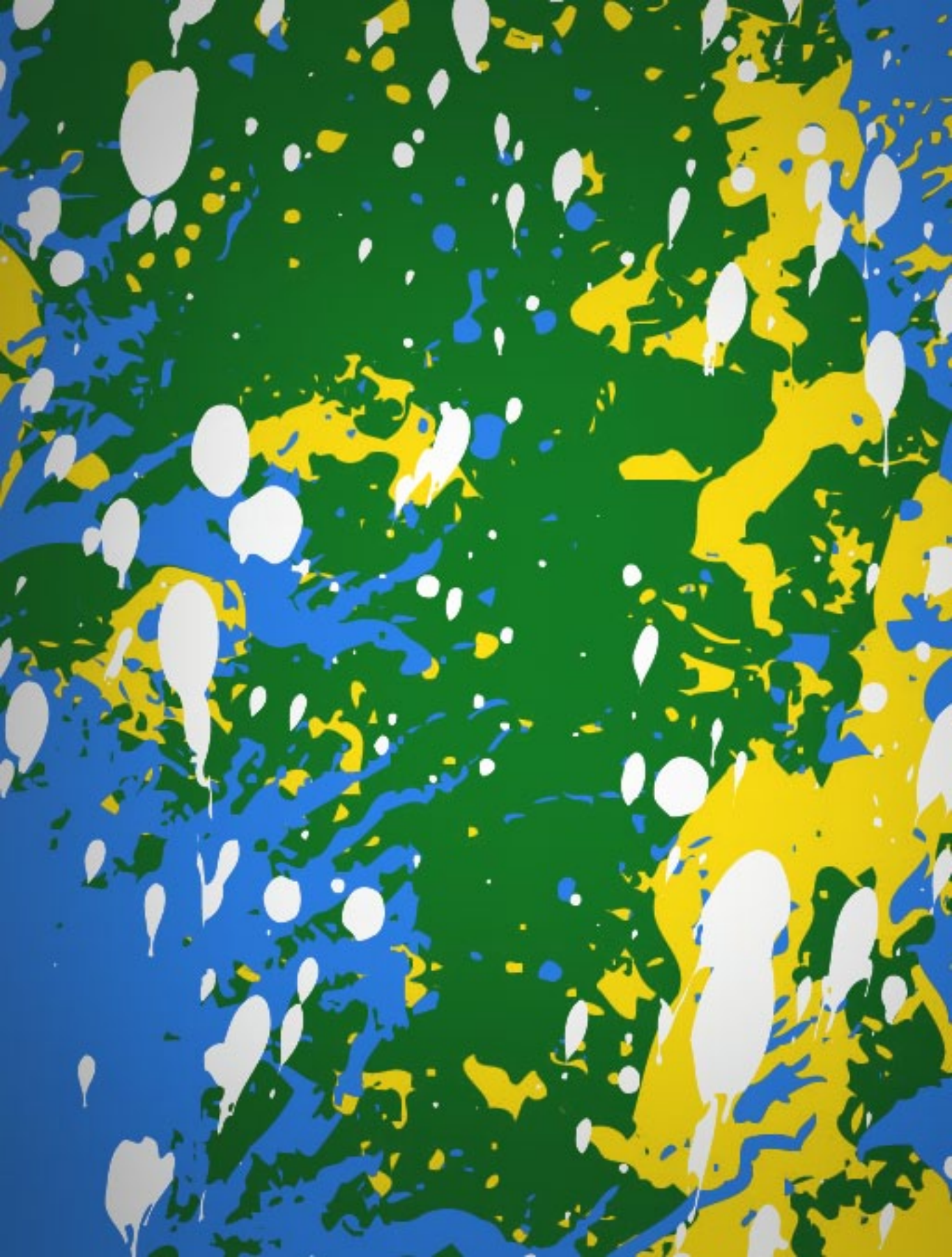




Uma revista pra quem faz a diferença.



CRASE



Brasil com Z

Os erros e acertos cometidos, em uma época em que o Brasil abre suas portas para a música e o cinema estrangeiro.

por Cadu Senra

Foi-se o tempo em que as paisagens e os cenários dos filmes de Hollywood só ilustravam o que era proveniente do solo norte-americano. Nova York com seus altos prédios, ainda ostentando as falecidas torres gêmeas, as praias sem-graça da Califórnia, e até as ofuscantes luzes de Las Vegas estão, aos poucos, dando lugar também à nossa paisagem. Por inúmeros fatores, nosso país vem emprestando, cada

vez mais frequentemente, seus magníficos cenários naturais, junto com suas pitorescas favelas, para o cinema estrangeiro. E esse boom do showbizz na Terra Brasilis ultrapassa as barreiras da telona, chegando com força total aos alto-falantes das casas de espetáculos e dos estádios das redondezas. Agora, as turnês dos grandes artistas internacionais que, há alguns anos passavam bem longe de nossas cida-

des, se amontoam mês a mês, fazendo com que o brasileiro - que é apaixonado por música e não dispensa uma boa festa - aperte as economias nos bolsos, para poder marcar presença em todos os eventos musicais que andam acontecendo. É show que não acaba mais, de tudo que é estilo musical, para todas as tribos e gostos. Mas como todos sabem, “quando a

“Não é a primeira vez que surge algum tipo de interesse por parte de Hollywood...”

esmola é demais, o santo desconfia”. Então, à que se deve esse fenô-

meno de procura pela terra verde-amarela e, claro, até que ponto ela é benéfica para nós?

O Cenário do Mundo

Não é a primeira vez que surge algum tipo de interesse por parte de Hollywood pelas bandas de cá. Em um passado glamoroso, muito devido ao sucesso da Bossa Nova dentro da burguesia americana, de vez em quando, emprestávamos nosso território para filmagens internacionais. Todos se lembram bem de quando o astro Roger Moore, encarnando o espião britânico James Bond, travou um confronto épico contra o gigante vilão Jaws no bondinho do Pão de Açúcar.

Isso ocorreu durante as filmagens do filme “007 Contra o Foguete da Morte” de 1979. Outro caso não tão conhecido do público foi a filmagem do filme de suspense “Interlúdio”, dirigido pelo eterno mestre do gênero, Alfred Hitchcock, em 1946. Existem até outros exemplos como estes que, no entanto, nos deixam uma impressão de escas-

sez por se encontrarem parçamente espalhados por um período de aproximadamente 50 anos.

Cool “Brazil”

Entretanto, na última década, o levante da nossa economia, combinado com uma “limpeza” e desmarginalização da imagem do Brasil no exterior, tem massificado a



Túnel do tempo
Hitchcock e 007 filma-
dos em nossas terras.

presença das superproduções que se ambientam aqui. Já tem um tempo que ser brasileiro deixou de ser algo pejorativo, pois, além do futebol e do samba, estigmas permanentes de nossa personalidade estereotipada, outros fatores começaram a se sobressaltar, como um presidente carismático, a exportação das

“...a desvalorização da nossa força de trabalho é outro grande responsável...”

havaianas e a expansão da AmBev, que recentemente comprou a fabricante da cerveja Budweiser. Tudo isso contribuiu

significativamente para tornar tudo relacionado ao Brasil em algo “cool”.

O outro lado da moeda

Uma premissa que ainda faz do mundo o que ele é hoje, é a de que negócios serão sempre negócios. Por isso, a desvalorização da nossa força de trabalho é outro grande responsável por essa viabilidade de projetos cinematográficos. Todos sabem que a situação econômica da terra do Tio Sam não anda lá essas coisas, logo, obter os benefícios de uma terra maravilhosa, onde ainda por cima os custos são relativamente baixos, é algo praticamente irresistível. No entanto, apesar

STALLONE
STATHAM
LI
LUNDGREN
COUTURE
AUSTIN
CREW
ROURKE
WILLIS

Os Mercenários

Título do filme é igual a posição das produções internacionais que vem ao Brasil.



Os Expendables
**OS
MERCENÁRIOS**

do caloroso acolhimento e das facilidades que apresentamos, alguns produtores hollywoodianos não tem sido corteses ao retribuir a gentileza.



Cena do filme:
Os Turistas (2006)

A onda de boicotes

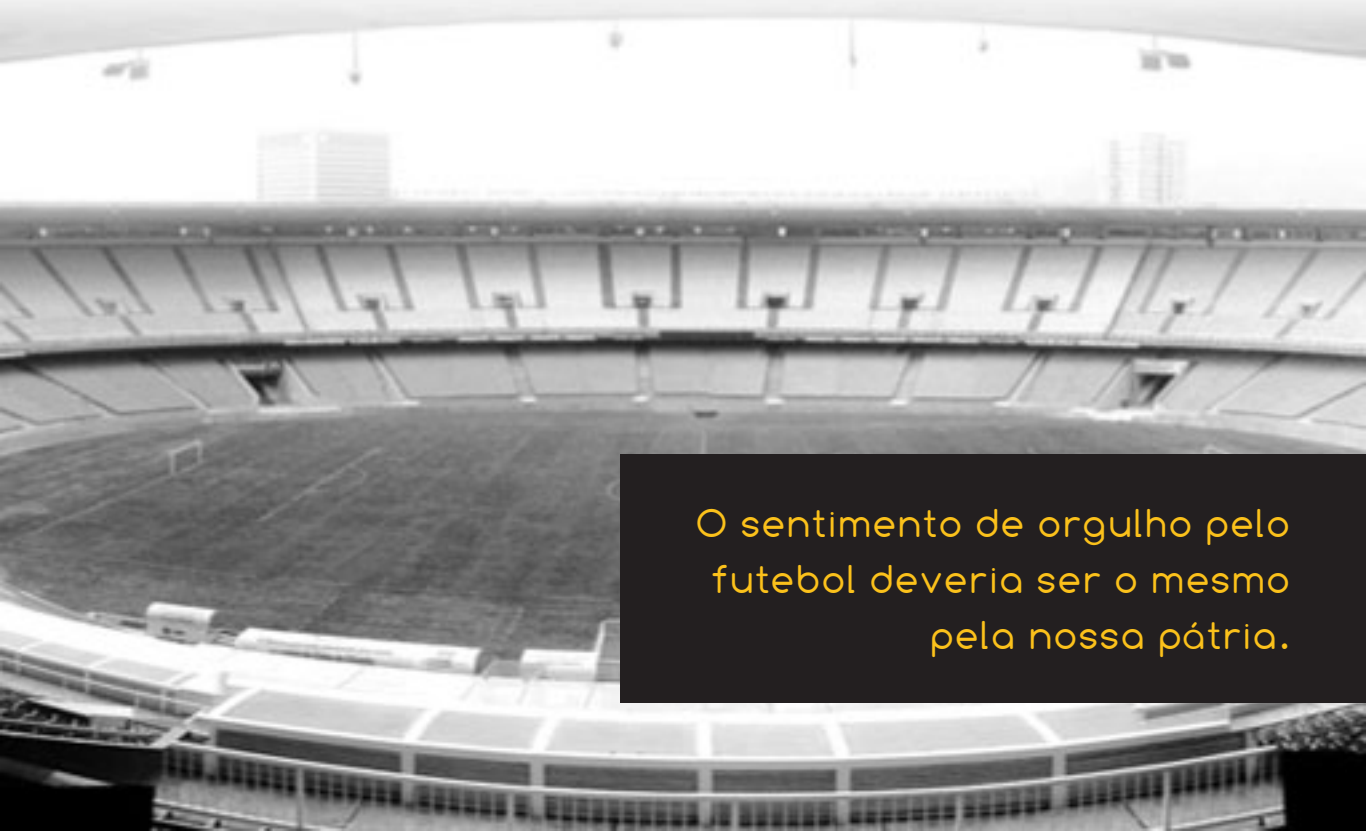
Duas superproduções recentes sofreram boicotes na bilheteria por denegrirem a imagem do Brasil. A primeira foi o terror, “Turistas”. O filme, um pouco

à lá “O Albergue”, fala de um grupo de jovens que são seqüestrados para terem seus órgãos vendidos. A indignação do público foi pelo filme tratar do assunto como se fosse algo aparentemente normal por aqui. A segunda foi a ação “Os Mercenários”, atuada por grande elenco e dirigida por Sylvester Stallone. Além de estar sofrendo acusações de calote por muitos dos brasileiros que trabalharam por trás das câmeras, o ator deu uma infeliz declaração sobre como foi filmar no Brasil. Segundo ele: “Filmar lá foi maravilhoso. Você detona bombas para todos os lados, destrói tudo, e no final eles ainda te dão um macaquinho de presente”.

A casa é nossa

Esse tipo de coisa acontece, por que muitos brasileiros ainda são facilmente deslumbrados. Não entendem ainda a mudança que vem se operando em nosso país perante o quadro mundial. Nosso crescimento não é mais medíocre como era, e nossa mentalidade necessita seguir o mesmo

rumo. A nacionalidade do brasileiro vem sendo bombardeada há muito tempo, e em razão desses vários anos de opressão, corrupção e humilhação impostas pelas circunstâncias políticas em que vivíamos, deve ser reconstruída. É impensável ouvirmos Sylvester, ou quem quer seja, falar isso da nossa pátria e ficarmos quietos. Cadê a paixão que



O sentimento de orgulho pelo futebol deveria ser o mesmo pela nossa pátria.

se vê na final da copa?
O orgulho que temos ao
ver um capitão da sele-
ção levantar uma taça
deve ser o mesmo orgu-
lho que é ferido quando
algo assim acontece.

“...Não tínha-
mos dinheiro
para quase
nada.”

É claro que é importante acolher essas oportunidades de colocar nossas paisagens e nossa cultura no cinema americano, pois é inegável que, através dos tempos, foram eles que ditaram as tendências mundiais. Deve-se, no entanto, fazer isso de forma responsável

e coerente com a nossa nova posição no mundo.

Sejam bem-vindos, mas saibam que a casa é nossa.

O palco do mundo

Nos anos 80, não era tarefa fácil ver grandes shows internacionais por aqui. Na verdade, tudo era um tanto quanto complicado. Estávamos no final da ditadura, um período que nos feriu gravemente na economia e no orgulho de ser brasileiro. Não tínhamos dinheiro para quase nada, muito menos para trazer os medalhões da música. Para não dizer que nada acontecia, trazíamos aqueles artistas cujas



carreiras não estavam lá muito bem das pernas. Era uma via de duas mãos, o artista ganhava novo fôlego, e nós, carentes de qualquer atenção internacional, nos contentávamos com o que viesse.

Rock in Rio

Como exceções compõem a regra, um grande evento, e somente ele, marcou o que seria o início de uma mudança nas estruturas. O primeiro Rock in Rio, acontecido em 1985, foi

capaz de trazer músicos que estavam no auge, e outros que sempre valem a pena assistir. O grande carro chefe da edição foi a banda Queen, com o performático Freddie Mercury nos vocais. Mas outras atrações como o Iron Maiden, James Taylor, Rod Stewart, AC/DC, Scorpions, Ozzy, Whitesnake, entre outros, também fizeram parte do evento. O festival foi muito bem sucedido, e até fez com que alguns outros artistas se interessassem em tocar em nossos palcos

nos anos seguintes. Mas a falta de estrutura e os altos preços das atrações, devido ao desnível da nossa moeda da época - o cruzeiro - em relação ao dólar, não deixaram essa onda fluir como deveria.

Um Dólar = Um Real

Após a segunda edição do Festival, com o Brasil um pouco mais consolidado na democracia, Fernando Henri-

que Cardoso assumia a presidência, e com ele, nossa terra adotava uma nova moeda, que apesar do nome - Real - nos fez viver um momento irreal. Isso se deu porque nos primeiros anos do novo plano, houve uma supervalorização do mesmo, fazendo, inclusive, com que a nossa moeda custasse mais que o poderoso dólar. Com isso, o fluxo de artistas internacionais por aqui aumentou tanto



quanto o número de brasileiros que viajavam para o exterior. Muitos artistas fizeram questão de esticar suas turnês até a América do Sul, pois com os preços dos ingressos fixados em dólar, ir aos shows se tornou muito mais acessível ao público.

O Preço Que Se Pagou

Apesar do breve momento de conto de fadas que vivemos no primeiro mandato de FHC, tudo veio abaixo logo após sua reeleição. Pagamos um alto preço pela supervalorização de nossa moeda, que com isso, sofreu o efeito contrário, enfrentando uma “super-ultra” desvalorização, que fez o Real valer

até quatro vezes menos que o dólar. Não é preciso dizer que o desespero foi geral. O povo parou de viajar, e os artistas pararam de vir para cá, pois tudo que era importado se tornou, também, quatro vezes mais caro.

“... um índice de crescimento nunca antes experimentado.”

Elite Cultural e Econômica

A época negra de inflação desenfreada passou, o governo mudou, e o Real começou a condizer com o seu nome. Aos poucos os eventos foram voltando à

nossa terra, que enfrenta hoje um índice de crescimento nunca antes experimentado. Vemos cada vez mais o Brasil na boca do mundo. Com isso, tivemos um pan-americano e, como todos sabem, estamos prestes a sediar dois importantes eventos – Copa e Olimpíadas.

“...mas a ganância dos empresários parece ser.”

Os grandes concertos internacionais vêm aos poucos enchendo nossos estados. São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre têm sido as mais constantes anfitriãs, porém Minas

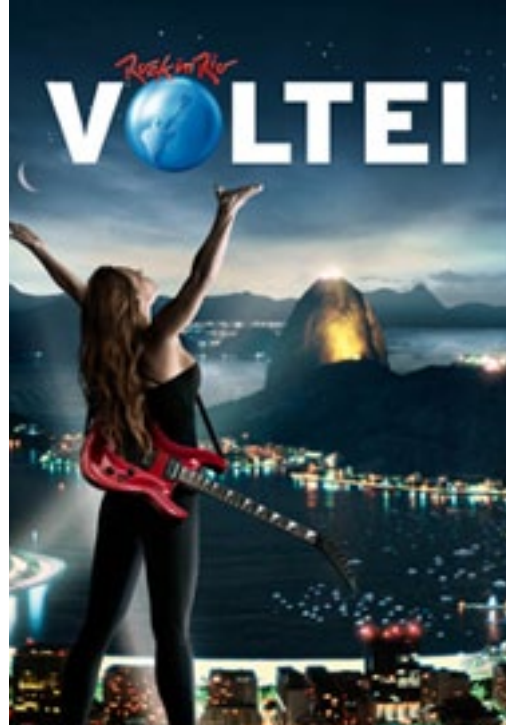
e o Paraná também fazem parte da rota. O ano de 2010 foi promissor. Paul McCartney, Bom Jovi, Guns N’ Roses, Rush, Mika, Kings of Leon, Beyoncé, The Cramberries, e muito outros, passaram por aqui.

A lista foi grande, assim como os preços. Esses sim ainda são vilões quando o assunto é show. O dólar já não é um problema, mas a ganância dos empresários parece ser. Há uma discrepância muito grande dos shows que acontecem lá fora para os que acontecem aqui. O mesmo show pode, às vezes, chegar a ser até três vezes mais caro quando é realizado aqui. Um total abuso, pois se aproveitam de um passado

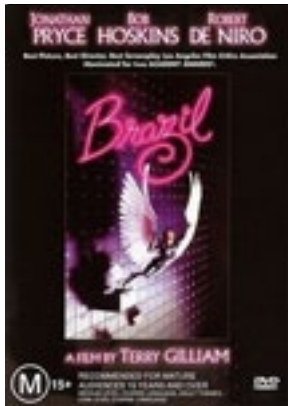
conturbado do nosso país, cambialmente falando.

O Que vem por aí?

2010 ainda não terminou, mas o ano que vem já promete. Antes mesmo de o champagne estourar anunciando a chegada de 2011, várias bandas já confirmaram suas presenças no Brasil para o ano que vem. Até mesmo o Rock in Rio, que se encontrava afastado há dez anos, retorna com força total. A expectativa é muito grande, porém, os produtores devem se lembrar que esses shows serão feitos para os brasileiros assistirem. A fase do Brasil é boa porque nossa imagem vem sendo reconstruída lá fora. Mas



não podem confundir isso com uma ampla saúde monetária do nosso povo. 90% da população ainda andam na corda bamba todo mês para conseguir viver. Portanto, se esperam que compareçamos em massa, que tornem os preços bem mais tangíveis do que foram esse ano. Caso o contrário, apesar das ótimas opções, o público deixará a desejar.



Brazil, o Filme (Reino Unido, 1985)

Sam Lowry (Jonathan Pryce) vive num Estado totalitário, controlado pelos computadores e pela burocracia. Neste Estado, que lida com o terrorismo, todos são governados por fichas e cartões de crédito e ainda precisam pagar por tudo, até mesmo a permanência na prisão. Neste mundo opressivo Sam acaba se apaixonando por Jill (Kim Greist), uma terrorista.



Cólera (Canadá, 2009)

Um homem de saco cheio com sua vida deprimente, constrói uma armadura de kevlar e inicia um massacre nas ruas de seu bairro, matando todos em seu caminho.



Chinese Democracy: Um dos álbuns mais esperados dos anos 2000, O Chinese Democracy pode ter decepcionado nas vendas, mas o som faz jus à história da banda mais perigosa do planeta. Os destaques ficam com as faixas “Street of Dreams” e “Better”, que nos fazem lembrar o auge da banda no início dos anos 90.

Álbum destaque:

Chinese Democracy
(Geffen - 2008)



Rush

Rock Progressivo

Álbum destaque:
Snakes and
arrows (2007)

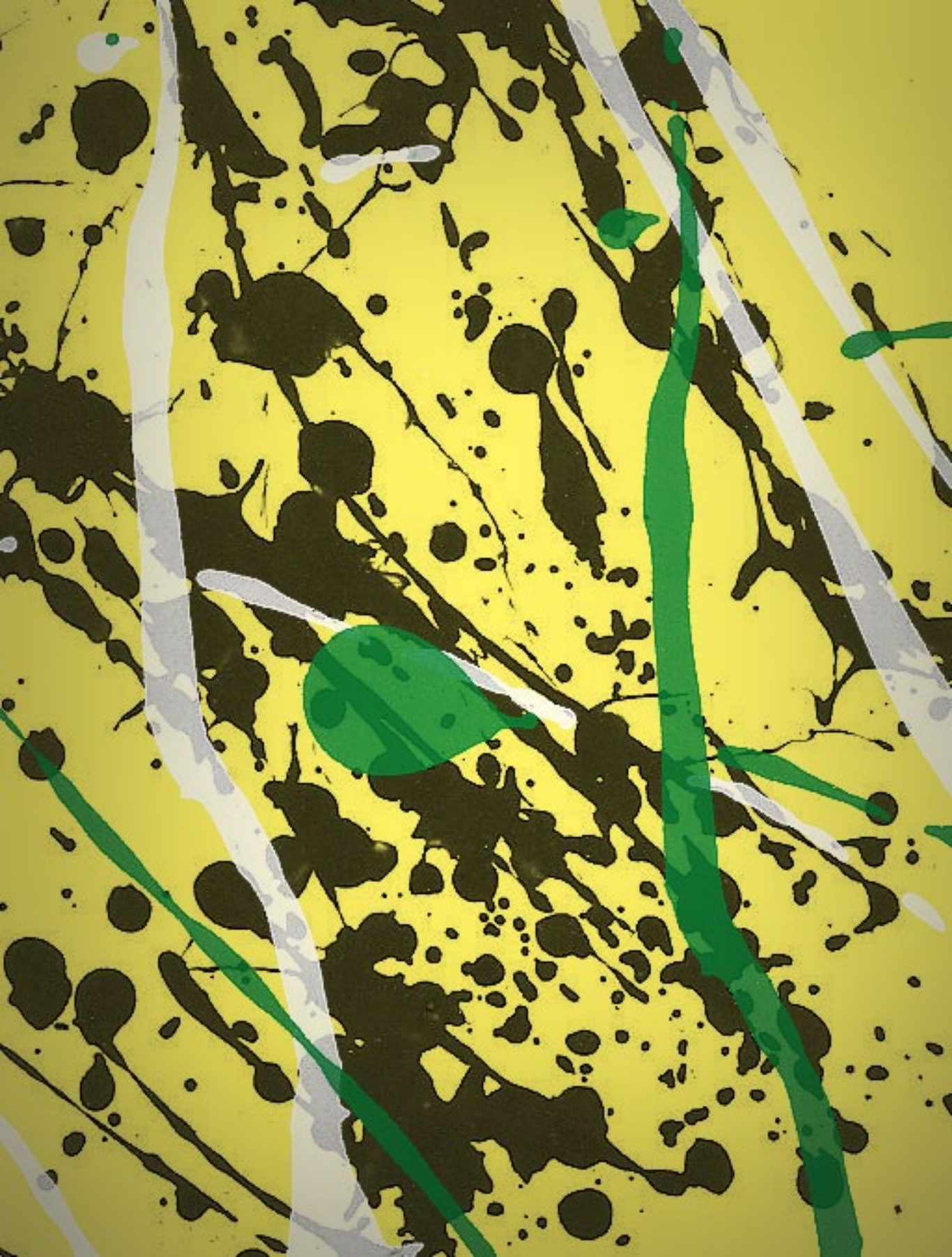


Kings of Leon

Rock Alternativo

Álbum destaque:
Only by the Night
(2008)





Meu Brasil Brasileiro



A gradativa ascensão do Brasil à
potência mundial.

por Rafael Farah

Ah o Brasil! Por décadas o azarão verde e amarelo, mal visto pelos olhos julgadores da população mundial, esse país maravilhoso tem um histórico pra lá de sombrio. Visto como

uma espécie de “colônia provisória” para países mais desenvolvidos, essa terra ensolarada sempre teve a fama de aceitar tudo e todos, sem muitos questionamentos. Talvez fosse pela dívida para

com o FMI, talvez os brasileiros tenham se acostumado com o bombardeamento de influências externas que sofrem desde o primeiro dia, ou talvez simplesmente não sejam tão patriotas como por exemplo... Os russos – que beiram a psicose. Quaisquer que sejam os motivos, o fato é que a identidade cultural brasileira dava lugar a costumes e produtos exportados do exterior e, pouca atenção era dada para a rica cultura brasuca.

Felizmente de alguns anos para cá, isso mudou. A política de exportação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (dentre outras coisas) nos pôs no holofote. De

párias sociais, nos tornamos “cult” apenas por termos nascido no reino tupiniquim... E para os mais sortudos, nas terras

“Como todo processo em escala mundial, não acontece de um dia para a noite...”

da Guanabara. As colonizações transformaram-se em investimentos maciços – o brasileiro nunca teve tanto crédito no exterior – não apenas de dinheiro. Os olhos do mundo estão voltados para o Brasil. O preconceito ainda existe? Sim, isso é indiscutível, mas como todo processo em escala mundial, não acontece de um dia para a noite.

Um exemplo importante - e talvez um dos mais importantes - foi a invenção e atual mutação do termo Brazilianist (brasilianista). A palavra foi criada por volta da década de 1960 para classificar estudiosos norte-americanos que recebiam para estudar a cultura brasileira na época em que nasceu a fagulha do interesse americano... Por motivos óbvios, como a desestruturação do governo brasileiro e o autoritário regime militar. Com o desenvolvimento do país, mais estudiosos (agora de diversas áreas) passaram a se interessar pelo Brasil, abrangendo assim o significado da palavra, que agora é usada para designar



Brasil na mente dos americanos

qualquer cientista social estrangeiro estudando o Brasil. Essa terra ensolarada está deixando de ser vista como a capital do samba e futebol, da boemia e da MPB. O mundo vem encarando o Brasil como o país que elegeu uma presidente mulher e um presidente operário, que tem uma economia emergente e estável, perfeita para investimentos.

Nos últimos anos, os brasileiros têm sido bombardeados não apenas por influências. São grandes empresas investindo no Brasil, não somente inaugurando fábricas. São atores, cantores – artistas de um modo geral – conhecidos mundialmente, que vem para o Brasil não só por dinheiro, mas para ganhar exposição. Só a China que, entre 2001 e 2009 investiu U\$250 milhões, investiu mais R\$12 bilhões somente no ano de 2010. E não para por aí.

A Copa do Mundo (2014) e as Olimpíadas (2016) só reforçam o constante crescimento da “moral” brasileira no exterior.

O fato é que estamos – lentamente, sem dúvida, mas estamos – subindo na cadeia alimentar das potências mundiais. Depende agora da habilidade e vontade dos brasileiros de manter soberana nossa excepcional cultura para continuarmos subindo os gigantescos degraus do desenvolvimento.



Eterna e exótica
Carmen Miranda





UPP

UNIDADE DE POLÍCIA PACIFICADORA



GOVERNO DO
Rio de Janeiro

SOMANDO FORÇA

A ALTA das UPPs

A ação surpreendentemente rápida e eficaz do governo carioca.

por Emílio Farah

Partindo da premissa que para a maioria dos estrangeiros o Brasil é praia, carnaval, bundas e futebol, não necessariamente nesta ordem, vamos tentar alcançar um novo tema não tão recorrente.

Pois é, mantendo a tradição brasileira, para a felicidade dos veículos de informação, o novo tema vem, com o perdão da expressão, enfiando o pé, ou melhor, os dois pés, na jaca. Estamos falando dessa nova poli-

tica de segurança atrelada a uma consistente política de inserção social praticada pelos Governos do Estado e Município do Rio de Janeiro. Por sorte esta crônica está sendo escrita agora, com o tema segurança e toda uma nova leva de informações que estão sendo vinculadas na mídia mundial.

Após muita discussão sobre a capacidade do Rio, leia-se Brasil, de sediar dois eventos da magnitude das Olimpíadas e da Copa do Mundo de Futebol, dada a frequente presença do Rio nas páginas policiais, como tudo que é feito no país, surge uma resposta espetacular do Rio e dos seus cidadãos. De imediato novas



Morro do Borel, Zona norte do Rio.

posturas são vistas no cenário mundial, assim, de berço de traficantes, de política de segurança inexistente, de falta de pulso, de conivência, de isso e de aquilo, o Rio novamente surpreende e encanta com suas soluções avançadas, às vezes muito ousadas, às vezes também desastradas.

Atrelado ao novo conceito de polícia comunitária, as UPP's atingem

diretamente a omissão mais constante do estado, desfazendo o reduto fortificado daqueles que as tinham como seus feudos. No outro extremo o estado mostrou sua capacidade de mobilização rápida e, estranhamente, efetiva. Retomou ao seu controle uma parte significativa da cidade sem atropelar direitos básicos dos excluídos, pelo menos não

“...Cidadãos tão menosprezados que ainda acreditam e buscam continuar suas vidas.”

na proporção que todos esperavam, mais ainda, com um mínimo de desvios de conduta. Para



O Cristo respira aliviado mais uma vez

béns Rio, parabéns Brasil, parabéns autoridades e polícias, e, sobretudo, parabéns a estes cidadãos tão menosprezados que ainda acreditam e buscam continuar suas vidas. Quem sabe agora o Robin Williams refaz seu comentário sobre o Rio. Para quem não se lembra, em entrevista a David Letterman, ele afirmou que o Rio somente conseguiu sediar as olimpíadas porque ofereceu cocaína

e garotas de programa aos membros do COI (Comitê Olímpico Internacional). Que idiota, todos nós aqui sabíamos, desde o começo, que só havíamos mandado as garotas, até porque nem a filha, a mãe, nem a irmã dele estavam disponíveis, já a cocaína cada um levou a sua. Mais engraçado ainda é lembrar do histórico de doidão desse autor.

Quem sabe agora, após um trabalho cuja efetividade é inconteste, sejam pelas UPP's, seja pela demonstração de força mostrada pelo Estado, as pessoas de fora de nossas fronteiras passem a ter uma nova e real percepção do nosso dia a dia, que no fundo é exatamente igual às demais grandes metrópoles do mundo.



Inauguração da
UPP do Morro do
Cantagalo





A Crase Convida de Dezembro apresenta a cinquentona – como gosta de ser denominada – Eliza Andrade. Conhecida como a professora de sociologia mais atendida com as redes sociais, ela descreve nessa coluna um pouco da sua experiência com relação à imagem do brasileiro no exterior. Tudo graças aos seus amigos virtuais.

Existe uma piada muito conhecida que é mais ou menos assim: Deus estava ocupado criando o mundo e do lado dele um anjo observava bem atento. Vulcões em determinados lugares, terremotos, furacões e tsunamis em outros. Quando Deus já estava quase dando por terminada a tarefa que consumira seis dos seus infinitos dias, o anjo nota que havia um lugar onde nenhuma calamidade da natureza foi alocada.

Intrigado, o anjo questiona Deus sobre a razão desse lugar ser poupado de tantas desgraças e Deus sentenciou: - Você não sabe o povinho que vou colocar lá.

A piada é engraçada. Aliás essa é uma das grandes características do brasileiro. Quem não espera a piada que vai rolar no dia seguinte a um evento importante, seja ele envolvendo o esporte, as artes ou qualquer outro acontecimento?

Apesar de engraçada, não é para ser levada à sério, pois se tomarmos ao pé da letra, vamos observar que ela é baseada em argumentos frágeis. Primeiro diz que Deus produziu homens de forma diferenciada. Ao que sabemos, pela versão criacionista, ele só criou um casal e depois deixou rolar para ver no que ia dar. Na outra versão - a da explosão -, foi carbono pra todo lado e o acaso deu conta do que apareceu, e onde. Talvez Deus tenha criado o Brasil no finalzinho de sexta, só pra descansar no sábado. Além disso, ela mostra uma grande falta de conhecimento sobre os homens, não apenas aqueles do sexo masculino mas de toda a humanidade.

Só mesmo quem nunca saiu de casa para pensar que a vida do seu vizinho é diferente da sua. Todo mundo tem problemas. Dinheiro, saúde, trabalho, famí-

lia... Todo mundo tem um parente de que sente vergonha ou um “podre” não revelado. Todo mundo quer ser feliz embora seus meios possam não ser politicamente corretos. Todos têm um desejo secreto, que às vezes, é tão secreto que nem a própria pessoa sabe. Tudo isso sem contar com a fisiologia que vou deixar de lado para não causar constrangimentos.

Enfim, tudo que alguém é aqui, também pode ser visto do outro lado do mundo, embora os critérios de classificação possam ser diferenciados. Ter muitas posses pode ir desde muito dinheiro no banco até cabras e camelos. Santo ou profano, bem ou mal, beleza ou feiura tem em todo lugar.

Quando me sugeriram escrever sobre a imagem do brasileiro no exterior, tratei de me conectar com amigos espalhados pelos quatro cantos do mundo. E-mails, Facebook e Orkut foram acionados para a pesquisa informal, cuja pergunta era: Como o brasileiro é visto no seu país?

Todos em situação legal em seus países, profissionais de diferentes áreas ou estudantes de especialização. Embora sejam emigrantes legais todos se referiram aos brasileiros clandestinos.

Quando me responderam, a primeira coisa que me chamou a atenção é que em nenhum dos relatos apareceu sequer uma menção ao futebol e à música, áreas em que qualquer brasileiro é reconhecido no exterior.

De acordo com minha amiga que mora em Londres:

“Na Europa, em geral a imagem do Brasil é de um país de festas, alegria, destino de férias. Mas um país de contrastes, já que através da imprensa, os europeus vêem a violência que nós sabemos bem que existe. Em termos de economia, o Brasil é visto como muito promissor, mais e mais investidores querem saber sobre o potencial do país. Sobre os brasileiros – hum... depende de que nível de brasileiro estamos falando. Tem muito brasileiro na Europa em sub-empregos e além prostitutas e travestis, especialmente na Itália e França. Mas tem uma boa quantidade de brasileiros reconhecidos e respeitados que trabalham em empresas sérias com uma excelente reputação - em função da flexibilidade, capacidade de negociação e charme para dialogar.”

O estrangeiro ilegal em qualquer país é um escravo na moderna acepção do termo. Ele trabalha feito um animal em busca de melhores condições de

vida, nós temos o brasileiro nos E.U.A como os coreanos no Brasil. Tem que se ter muita força de vontade e esperança para ser um estrangeiro ilegal.

É uma pena que os brasileiros de um modo geral não saibam de tantos outros brasileiros engajados em grandes pesquisas científicas, produções culturais e artísticas, empreendimentos financeiros, de engenharia, etc. O brasileiro em geral sofre de baixa autoestima, que infelizmente só aumenta na época da Copa do Mundo ou das Olimpíadas.

Realmente uma pena.

Eliza Andrade

Projetos só são
projetos quando
seguidos de uma
ação.

Do contrário são
apenas idéias.

MAKERZ

www.makerz.com.br

AGENDA CULTURAL

Exposição

O Olhar Precioso de Darcy Ribeiro no Brasilidade

Exposição de fotografias inéditas integra a série de eventos Brasilidade, uma realização do Ministério da Cultura que antecede a cerimônia da Ordem do Mérito Cultural.

CAIXA Cultural RJ
Até 30 de dezembro
terça a domingo
Centro - RJ

Show

Teatro Mágico

O TM é um projeto que reúne todos os elementos de expressão artística tornando possível a junção de diferentes segmentos numa mesma apresentação.

Fundição Progresso

11 de dezembro
às 19:30
Rua dos Arcos, 24
Centro - RJ

Show

Stone Temple Pilots

Dono de uma legião de fãs no Brasil, os americanos do Stone Temple Pilots finalmente desembarcam no país para sua primeira tour.

Circo Voador
11 de dezembro
às 22h
Rua dos Arcos
Centro - RJ

Teatro Conversando com Mamãe

Beatriz Segall vive uma mulher de 82 anos que tem dificuldade de relacionamento com seu filho de 50, interpretado por Herson Capri.

**Centro Cultural
Correios**
Até 19 de
dezembro
quinta a domingo
às 19h
Rua Visconde
Itaboraí, 20
Centro - RJ

Cócegas

Heloísa e Ingrid prometem uma versão atualizada dos nove conhecidos esquetes, como o da professora de ginástica, da modelo anoréxica, da adolescente Tati, da pastora protestante e outros.

Teatro Fashion Mall
até 19 de
dezembro
sexta e sábado
21h30, domingo 20h
São Conrado - RJ

Literatura Lançamento do livro “De Fã a Ídolo”

O livro foi escrito pelo jornalista Antônio Carlos Monteiro e finalizado pela escritora Circe Brasil e conta com centenas de fotos das mais variadas fases da vida e da carreira de Aquiles.

Fnac Paulista
7 de dezembro
às 19:30
Av. Paulista, 901
São Paulo - SP

CRASE